

**PROJETO DE PESQUISA: A PROPOSTA SOCIALISTA DE MARX E ENGELS
E POSSÍVEIS ATUALIZAÇÕES**

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política.

Supervisor: Vladimir P. Safatle

Candidata: Maria Cristina Longo Cardoso Dias

Instituição sede: Universidade de São Paulo (USP)

Fevereiro de 2017

b) Resumo: O objetivo deste projeto de pesquisa é expor a concepção de socialismo formulada por Marx e Engels, bem como efetuar possíveis atualizações desse conceito. A pesquisa será pautada na leitura de escritos de Karl Marx e Friedrich Engels e no exame de alguns casos que possam se aproximar do socialismo, atualmente. Sob a perspectiva de Marx, o capitalismo é um modo de produção caracterizado pela divisão da sociedade em duas classes principais, os detentores dos meios de produção e do capital e os não possuidores, em que os primeiros exploram os últimos, extraindo mais-valia, por meio do assalariamento de pessoas, apropriando-se do produto que não produzem. A divisão da sociedade em classes e a apropriação do produto por aqueles que não produzem geram fortes desigualdades, relações hierárquicas, coisificação de pessoas, alienação, estranhamento, miséria, insegurança, degradação moral e psíquica, política e do meio ambiente. Tal tensão de classes, descrita por Marx, e suas consequências negativas podem ser verificadas até os dias atuais, daí a importância de se estudar sua proposta socialista e possíveis atualizações. Uma possível proposta socialista existente é denominada economia solidária que se pretende estudar nessa pesquisa de forma explicativa e crítica. Esta proposta poderá ser aproximada do socialismo exposto por Marx e Engels se os trabalhadores detiverem os meios de produção, apropriarem-se do produto final de seu trabalho e possuírem peso igual na tomada de decisões da empresa. Tal análise será feita por intermédio do estudo dos impactos éticos, psíquicos, políticos e econômicos que os casos do complexo cooperativo solidário de Mondragón, situado na Espanha, e da cooperativa Flaskô, em São Paulo, geram nos indivíduos que participam dessa prática em que a democracia é dita ser um valor central. O método para realização dessa segunda etapa da pesquisa será a análise bibliográfica do que tem sido escrito a respeito do tema e o exame de dados disponibilizados por Mondragón e pela Flaskô.

c) Palavras-chaves: Socialismo, Karl Marx, Friedrich Engels, democracia no trabalho, economia solidária, autogestão.

d) Introdução, justificativas e explicitação do vínculo do projeto com a área de Filosofia:

O presente projeto de pós-doutorado visa a compreender o socialismo proposto por Marx e Engels, bem como possíveis atualizações dessa proposta como a economia solidária. No que concerne à economia solidária, pretende-se entender quais os impactos que a construção da democracia nos ambientes de trabalho (entendida como participação na tomada de decisões e apropriação do produto pelos trabalhadores) ocasiona para a emancipação ética, política, econômica e em termos de redução do sofrimento dos indivíduos envolvidos nessa experiência. Esta pesquisa será efetuada em dois planos, quais sejam: o primeiro, teórico, baseado em escritos de Karl Marx e Friedrich Engels, e o segundo, a ser realizado por meio do estudo de bibliografia e de dados disponibilizados pelo complexo cooperativo de Mondragón, na Espanha, e pela cooperativa Flaskô, em São Paulo. Vale ressaltar que a questão da demanda de aumento de democracia nos ambientes de trabalho, especialmente no que diz respeito à economia solidária, tem sido identificada como uma possível nova concepção socialista de organização social, pois em empresas solidárias a propriedade do negócio seria dos trabalhadores, em outros termos, eles se apropriariam do produto produzido e tomariam suas decisões de forma democrática.

Conforme será descrito ao longo desse trabalho, será possível perceber que a concepção socialista de Marx e Engels aponta como elemento fundamental desse novo modo de produção a socialização dos meios de produção, apropriação coletiva do produto, paulatina redução da divisão do trabalho e substituição do Estado burguês por uma administração dos assuntos coletivos pelos trabalhadores. É possível efetuar uma aproximação entre a economia solidária e o socialismo proposto por esses autores, principalmente, no aspecto que tange à questão da apropriação do produto pelos trabalhadores. Pretende-se, ao longo do trabalho, verificar, a partir da análise de informações dos casos de Mondragón e da Flaskô, se realmente é possível efetuar essa aproximação.

Entendendo-se a esfera do âmbito do trabalho, como um domínio essencial para que se compreenda de que forma certas relações sociais necessárias surgem, para que se entendam a divisão da sociedade em classes e o contexto político e ético em que se vive,

pode-se dizer que o projeto vincula-se à área de filosofia, pois, além de abordar a proposta socialista de Marx e Engels, visa a verificar se de fato os indivíduos participantes de iniciativas de economia solidária sofrem transformações relevantes no que concerne aos valores éticos e políticos que sustentam, bem como se esses indivíduos passam, de fato, a ser seus próprios chefes, excluindo relações hierárquicas, a extração de mais-valia e assumindo posturas mais autônomas devido à maior voz na tomada de decisões, derivada da democracia nesses ambientes de trabalho. Se esse for o caso, torna-se possível e coerente postular a expansão da experiência democrática nos ambientes de trabalho para além dos casos existentes.

Contextualização do projeto, e) Objetivos e f) Justificativa Teórico- Metodológica:

O socialismo como alternativa de organização da economia e da sociedade teve destaque no século XIX, com concepções denominadas utópicas e científicas por Marx e Engels. As concepções utópicas, de acordo com os autores, eram noções que reconheciam as contradições entre as classes burguesia e proletariado de seu tempo, mas, porque não se preocupavam em descobrir as leis que regem as transformações da sociedade, não podiam entender ou prever como as transformações sociais ocorreriam no futuro¹.

Segundo Marx e Engels, socialistas utópicos como Saint-Simon, Fourier e Owen estariam sob a influência do pensamento iluminista do século XVIII, em que tudo deveria passar pelo tribunal da razão e do mesmo modo a saída ou transformação social em relação ao capitalismo deveria ser elaborada ou descoberta pelo pensamento sem maior ajuda da análise da realidade.

Tal saída em relação ao capitalismo, de acordo com Marx e Engels, pretendia, em geral, melhorar a situação de todos, inclusive a condição dos mais ricos, e, muitas vezes,

¹ Marx e Engels, 2010, p. 66: “Os sistemas socialistas e comunistas propriamente ditos, os de Saint-Simon, Fourier e Owen, etc, aparecem no primeiro período da luta entre o proletariado e a burguesia (...). Os fundadores desses sistemas compreenderam bem o antagonismo das classes (...) mas não percebem no proletariado nenhuma iniciativa histórica, nenhum movimento político que lhes seja peculiar (...) Substituem a atividade social por sua própria imaginação pessoal; as condições históricas da emancipação por condições fantásticas”.

dependia desses últimos para que fosse viabilizada². Os socialistas utópicos não viam no proletariado nenhuma iniciativa histórica, ou seja, não enxergavam que as mudanças sociais deveriam partir de uma revolução protagonizada pelo trabalhadores.

Outra crítica que Marx faz a Proudhon (Marx, em Carta de Marx a Annenkov, 1846, p.256), em seu livro *Miséria da Filosofia*, ressalta que este autor entende as categorias econômicas como eternas leis da sociedade, como imutáveis. Marx ressalta que porque Proudhon não pôde compreender que as leis que regem a vida social são transitórias, históricas³, ele não pode formular uma proposta de mudança radical do modo de produção e apropriação dos bens produzidos⁴.

O socialismo científico, ao contrário, seria reflexo da realidade na consciência, cuja principal contradição revela-se por meio do antagonismo entre as classes burguesia e proletariado. De acordo com Engels, seria a partir da análise da realidade concreta, por meio do método do materialismo histórico dialético⁵, que poderia ser possível descobrir

²Marx e Engels, 2010, p. 66: “Desejam melhorar as condições materiais de vida de todos os membros da sociedade, mesmo dos mais privilegiados. Por isso, não cessam de apelar indistintamente à sociedade inteira, e de preferência à classe dominante”.

³Marx, 2009, p. 125: "As categorias econômicas são expressões teóricas, abstrações das relações de produção. O Sr. Proudhon, qual um filósofo autêntico, tomando as coisas ao inverso, vê nas relações as encarnações desses princípios, dessas categorias que, como nos diz ainda o filósofo Proudhon, estariam adormecidas no seio da "razão impessoal da humanidade".

⁴É importante notar que Marx reelabora sua opinião sobre Proudhon, após este autor lançar o livro *Filosofia da Miséria*, Marx faz duras críticas ao livro, principalmente porque do ponto de vista metodológico o autor nega a análise econômica a partir da sucessão de fatos da história, substituindo a compreensão histórica dos acontecimentos econômicos como a divisão do trabalho, o surgimento das máquinas, a concorrência, o monopólio, a propriedade, pelos acontecimentos na ordem de sua mente (Marx, 2009 p. 121). Como o autor substitui a ordem dos acontecimentos históricos por aqueles que se apresentam à sua mente, entende as categorias econômicas não como representações do mundo social, real e transitório, mas como leis eternas e imutáveis, não podendo assim propor mais nenhuma mudança radical da sociedade. A *Miséria da Filosofia* é um livro de 1847. É interessante notar que na *Sagrada Família*, de 1845, Marx ainda defendia algumas posições de Proudhon, especialmente por ter escrito o livro *O que é a propriedade?* em que faz uma crítica da propriedade e à associa às desigualdades sociais (Marx, 2003, p.45). Contudo, em seu livro seguinte, *Filosofia da Miséria*, Proudhon passa a uma posição reformista, derivada de suas interpretações equivocadas da economia política, bastante criticada por Marx.

⁵ Sobre o método dialético vide a seguinte passagem de Engels, 1880, p. 43: “Da mesma maneira, observando as coisas detidamente, verificamos que os dois polos de uma antítese, o positivo e o negativo, são tão inseparáveis quanto antitéticos um do outro e que, apesar de todo o seu antagonismo, se penetram reciprocamente; e vemos que a causa e o efeito são representações que somente regem, como tais, na sua aplicação ao caso concreto, mas que, examinando o caso concreto na sua concatenação com a imagem total do universo, se juntam e se diluem na idéia de uma trama universal de ações e reações, em que as causas e os efeitos mudam constantemente de lugar e em que o que agora ou aqui é efeito adquire em seguida, aqui ou ali, o caráter de causa, e vice-versa”.

as leis que regem as transformações da sociedade ao longo da história, bem como compreender a dinâmica do atual modo de produção denominado capitalismo⁶.

O método materialista utilizado para elaboração de teorias acerca do mundo surgiu no Reino Unido, com os autores Bacon, Hobbes e Locke⁷, conforme afirma Engels. Segundo este autor o materialismo é uma corrente de pensamento que sustenta ser possível conhecer a realidade a partir da experiência dos sentidos humanos. Contrariamente aos filósofos idealistas que ressaltam que as coisas em si não podem ser conhecidas, mas apenas o fenômeno representado pelas intuições da sensibilidade e das categorias do pensamento, os materialistas afirmam ser possível conhecer os objetos sociais e da natureza, bem como suas leis.

De acordo com Engels, para responder aos idealistas que argumentam não ser possível conhecer o mundo tal como ele é, basta expor que se determinado objeto possui conhecidas propriedades e seu uso corresponde à ideia que se fazia do objeto é porque de fato o conhecemos⁸.

Ainda a respeito desse assunto, Engels expressa que somos capazes até mesmo de reproduzir inúmeros objetos, o que seria mais uma prova de que é possível conhecê-los⁹.

Marx e Engels, em seu livro, *A Sagrada Família*, também explanam que o materialismo surgiu como um método de conhecimento que questionava a metafísica e colocava em cheque afirmações consideradas idealistas, pelos autores, como as de que

⁶Engels, 1880, p.44: “O materialismo moderno vê na história o processo de desenvolvimento da humanidade, cujas leis dinâmicas é sua missão descobrir”.

⁷Engels, 1880, p.10: “O materialismo é filho nato da Grã-Bretanha”(…). “Hobbes sistematiza o materialismo de Bacon”.

⁸Engels, 1880, p. 14: “(...) Se essas percepções fossem falsas, falso seria também o juízo acerca das possibilidades de empregar a coisa de que se trata, e a nossa tentativa de empregá-la teria forçosamente que fracassar. Mas se conseguimos o fim desejado, se achamos que a coisa corresponde à ideia que dela fazemos, que nos dá o que dela esperávamos ao usá-la, teremos a prova positiva de que, dentro desses limites, as nossas percepções acerca dessa coisa e das suas propriedades coincidem com a realidade existente fora de nós”.

⁹Engels, 1880, p. 15: “Mas, de lá para cá, essas coisas inapreensíveis foram apreendidas, analisadas e, mais ainda, reproduzidas uma após outra pelos gigantescos progressos da ciência. E desde o instante em que podemos produzir uma coisa, não há nenhuma razão para que ela seja considerada incognoscível”.

não seria possível conhecer o mundo tal como ele é, ou que as ideias dos seres humanos regeriam a realidade. Para Marx e Engels a doutrina materialista, que tem como expoentes Locke, Bacon e Hobbes (influenciadores dos materialistas franceses como Condillac e Helvétius)¹⁰, ressalta que nossas ideias são representações do mundo externo a nós. De acordo com os autores, se são as circunstâncias externas a nós que são o material para a formação de nossas ideias, então o materialismo, originado no Reino Unido, deveria, realmente, servir de base lógica para a formação do pensamento socialista. Em outras palavras, se aquilo que os indivíduos pensam e fazem depende de suas experiências com elementos externos que o rodeiam, então para transformar o indivíduo, seria necessário transformar o meio em que ele vive¹¹.

De acordo com Engels, o materialismo histórico parte da premissa da corrente de pensamento materialista originada no Reino Unido de que podemos conhecer o mundo por meio da experiência dos sentidos humanos¹² e que é necessário, para que se compreenda como as sociedades organizam-se, observar sua constituição e transformação ao longo da história.

O método de análise materialista histórico considera o fato de que todas as sociedades ao longo do tempo organizaram-se para a produção, pois segundo Marx, para que os homens mantenham-se vivos é necessário que produzam os bens necessários à sua sobrevivência¹³. Em outras palavras, antes dos homens serem críticos,

¹⁰Marx e Engels denominam esses autores como materialistas. Marx e Engels, 2003, p. 148: "O discípulo direto e intérprete francês de Locke, Condillac, dirigiu de imediato o sensualismo lockeano contra a metafísica do século XVII". (...) Com Helvétius, que também parte de Locke, o materialismo adquire seu caráter propriamente francês. De imediato, esse autor concebe o materialismo em sua relação com a vida social".

¹¹Marx, 2003, p. 149-150: "Não é preciso ter grande perspicácia para dar-se conta do nexos necessário que as doutrinas materialistas sobre a bondade originária e a capacidade intelectual igual dos homens, sobre a força onipotente da experiência, do hábito, da educação, da influência das circunstâncias sobre os homens, do alto do significado da indústria, do direito do gozo, etc. guardam com o comunismo e o socialismo. (...) Se o homem é formado pelas circunstâncias será necessário formar as circunstâncias humanamente. Se o homem é social por natureza, desenvolverá sua verdadeira natureza no seio da sociedade e somente ali (...)".

¹²Apesar da afirmação de Engels de que somos capazes de conhecer o mundo com o auxílio dos sentidos, esse mesmo autor afirma que temos uma capacidade de abstração em relação aos objetos que nos são apresentados pelos sentidos.

¹³Marx e Engels, 2007, p. 33: "O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos.

artistas, políticos, eles precisam conseguir os alimentos e outros produtos necessários à manutenção de suas vidas.

O materialismo histórico reconhece que as sociedades organizam-se para a produção dos bens necessários¹⁴ à sobrevivência dos indivíduos e ressalta que a forma de organização social da produção, distribuição e troca dos produtos influencia preponderantemente toda a ordem social vigente¹⁵.

Engels, em *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, ressalta que para que se compreenda o modo de vida das sociedades primitivas é necessário entender como estas ordenavam-se para a produção. Precisamente pelo modo de apropriação do produto ser coletivo, não havia Estado necessário à repressão daqueles que tentavam violar a propriedade privada¹⁶, porque esta não existia, nem tão pouco havia relações monogâmicas como conhecemos hoje¹⁷, pois naquelas sociedades não havia a necessidade de determinar os descendentes diretos dos homens, para que os bens fossem passados hereditariamente¹⁸. Esse modo de produção e apropriação coletiva do produto influenciava a formação de uma ordem social totalmente diferente da que conhecemos hoje.

É tese do método materialista histórico que toda ordem social é determinada, em uma relação dialética, pelo modo de organização da sociedade para a produção em

¹⁴Essa quantidade e variedade de bens necessários à sobrevivência humana mudam de lugar para lugar e de tempos em tempos.

¹⁵Engels, 1880, p. 49: “A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com a ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos”.

¹⁶Engels, 1984, p.195: “Portanto, o Estado não tem existido eternamente. Houve sociedades que se organizaram sem ele, não tiveram a menor noção do Estado ou de seu poder. Ao chegar a certa fase de desenvolvimento econômico, que estava necessariamente ligada à divisão da sociedade em classes, essa divisão tornou o Estado uma necessidade”.

¹⁷Engels, 1984, p. 99. “A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema”.

¹⁸Engels, 1984, p. 67: “Dessa forma, pois, as riquezas, à medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a idéia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno.”.

determinada época¹⁹. Quando ressalta-se que a ordem social é determinada em uma relação dialética pelo modo de produção vigente afirma-se que o modo de produção determina a ordem social vigente, contudo a mesma o reforça mutuamente²⁰. Como decorrência, as sociedades podem ser divididas em classes ou não, dependendo se a apropriação do produto é privada ou coletiva. Segundo Marx e Engels, a história das sociedades que geram apropriação privada da produção é a história da luta de classes, ora aberta ora velada²¹. As transformações sociais ocorreriam, portanto, por meio dessa luta, motivadas pela opressão e por modificações nas forças produtivas.

Os períodos em que a luta de classes acirra-se ainda mais ocorrem quando as forças produtivas sofrem transformações que não mais comportam antigas relações de produção. Nesses momentos as sociedades tendem a ser revolucionadas, são períodos em que todos os elementos sociais mudam²².

¹⁹ Marx, 1974, p. 136: “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual”.

²⁰ A dialética admite a afirmação e a negação do mesmo elemento, ao mesmo tempo (a formação de uma tese e antítese de um mesmo elemento) para formar uma nova concepção, uma síntese. Assim, pode-se dizer que o modo de produção determina e não determina ao mesmo tempo toda a ordem social, porque a ordem social também o influencia, reforçando-o. Ruy Fausto, 2015, p. 72 ressalta: Que no capitalismo o homem se interverte em não homem, a liberdade em não liberdade, a riqueza em não riqueza, a propriedade em não propriedade se poderia ver, primeiro, mostrando simplesmente como os predicados dessas determinações, para o caso do capitalismo, estão em contradição com os seus sujeitos: com efeito, a liberdade burguesa é liberdade do capital, a propriedade privada burguesa é menos propriedade do indivíduo sobre o capital do que propriedade do capital sobre ele mesmo, a riqueza burguesa é de fato pobreza (subjativa), o homem (o operário, o capitalista) é na realidade um "não homem". Ou, em outros termos, no capitalismo a liberdade \neq liberdade, o homem \neq homem, a propriedade \neq propriedade e riqueza \neq riqueza. (...). P. 86: "Com efeito, o que acabamos de ver é como a dialética *opera a intersversão* de certas noções como "liberdade", "propriedade"... na análise do capitalismo, isto é, como o pensamento dialético se deixa interverter, quando ele introduz essas noções. E isto em oposição ao pensamento não dialético que, pelo contrário, *bloqueia a intersversão*."

²¹ Marx e Engels, 2010, p. 40: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”. Afirmação seguida de nota de Engels expressando que essa tese é válida apenas para as sociedades em que a apropriação do produto é privada.

²² Marx e Engels, 1974, p.136: “Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas estas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez”.

No modo de produção capitalista a ordem social também é influenciada decisivamente pelo modo de organização, distribuição e troca da produção²³. De acordo com Marx e Engels, a produção dentro dos ambientes de trabalho capitalistas tende a ser extremamente organizada e hierarquizada em que cada trabalhador assalariado possui sua função. A essa organização rígida dentro das empresas, segundo Engels, corresponde a anarquia da produção como um todo²⁴, pois a qualidade e quantidade totais dos bens produzidos não são planejadas pela sociedade.

As pessoas que trabalham ou que procuram trabalho nesses ambientes organizados hierarquicamente, no modo de produção capitalista, são denominadas força de trabalho²⁵. Ela²⁶, nomeada também de proletariado por Marx e Engels, não possui nada além de sua força viva para vender no mercado de trabalho. A burguesia, ao contrário, possui a propriedade privada dos meios de produção²⁷ e do capital (incluindo o capital financeiro) e compra a força de trabalho, por um salário e por um tempo determinado, no mercado, para empregar em sua produção²⁸.

²³Poder-se-ia adicionar à análise marxiana do século XIX que a ordem social é determinada pelo modo de produção e troca de bens materiais e imateriais (incluindo serviços em geral e o desenvolvimento da ciência, entre outros).

²⁴Engels 1880, p. 55: "As condições naturais de vida da besta convertem-se no ponto culminante do desenvolvimento humano. A contradição entre a produção social e a apropriação capitalista manifesta-se agora como antagonismo entre a organização da produção dentro de cada fábrica e a anarquia da produção no seio de toda a sociedade".

²⁵Marx, 2013, p. 242: "Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o complexo das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [Leiblichkeit], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo".

²⁶Poder-se-ia indagar se, contemporaneamente, os altos gerentes e diretores de empresas e bancos fazem parte da força de trabalho. A resposta é negativa, pois em geral, esses indivíduos são membros da classe dominante, defendem os interesses dela e apropriam-se de uma parcela extremamente maior do produto que os outros assalariados (tendem a ser detentores de capital). Haveria ainda o empreendedor que possui a posse de pequeno capital e exerce, ao mesmo tempo, a função de força de trabalho, quanto a ele poderíamos enquadrá-lo na definição de camada média que ora trabalha para os donos do grande capital e emprega força de trabalho, ora tem a tendência a perder seu pequeno capital e tornar-se força de trabalho (isso ocorreria, principalmente, em períodos de crise).

²⁷Marx, 2013, p. 44: "A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos.

²⁸Marx, 2010, p. 244: "Para transformar dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro tem, portanto, de encontrar no mercado de mercadorias o trabalhador livre, e livre em dois sentidos: de ser uma pessoa livre, que dispõe de sua força de trabalho como sua mercadoria, e, de, por outro lado, ser alguém que não tem outra mercadoria para vender, livre e solto, carecendo absolutamente de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho".

À burguesia interessa empregar a força de trabalho, pois ela extrai mais-valia do proletariado e a transforma em capital²⁹. A burguesia contrata a força de trabalho por um salário equivalente ao valor dela que é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la ou mantê-la viva³⁰. Contudo, ao transformar matérias-primas em mercadorias, pelo processo de trabalho, a força de trabalho adiciona valor aos produtos iniciais, pagando-se em menos tempo do que o tempo que trabalha, apropriando-se, portanto, de uma parte normalmente pequena do que em geral produz.

O valor da força de trabalho é dado pelo tempo socialmente necessário para produzi-la ou mantê-la viva, pois o valor dessa mercadoria segue a lógica de determinação do valor de todas as mercadorias. Embora a substância do valor das mercadorias seja dada pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las, revelando que o valor é gerado pelos trabalhadores, sua apropriação é feita pelos donos do capital, a burguesia.

Em outros termos, ainda que a produção seja social e coletiva, embora os meios de produção de valor sejam manuseados pela coletividade que os produziu e produz, tais meios são privados, gerando apropriação privada (pela burguesia) da produção social.

Pelo método do materialismo histórico dialético de análise das sociedades, em especial da sociedade capitalista, é possível descobrir suas leis, entender o presente e prever o futuro social. Marx e Engels compreendem, por intermédio da análise da realidade, que a história da humanidade, quando o modo de produção determina sua divisão em classes, é a história da luta de classes e que uma lei fundamental para o funcionamento do capitalismo é a extração de mais-valia ou exploração dos trabalhadores como elemento essencial de acumulação de capital por parte dos donos dos meios de produção de valor.

²⁹Marx, 2013, p. 229: “Como portador consciente desse movimento, o possuidor de dinheiro se torna capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e de retorno do dinheiro. O conteúdo objetivo daquela circulação –a valorização do valor –é sua finalidade subjetiva”. Marx, 2013, p. 250: “O processo de consumo da força de trabalho é simultaneamente o processo de produção da mercadoria e do mais-valor”.

³⁰Marx, 2013, p.245: “(...) “valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor”.

A principal lei que rege o capitalismo é a extração de mais-valia, para que haja capitalismo, acumulação de capital, é necessário haver exploração. Além disso, há outras leis que demonstram o movimento da história, como a questão da luta de classes e, por exemplo, o fato de que as relações de produção correspondem a certo estágio de desenvolvimento das forças produtivas. A partir do entendimento das leis que regem as sociedades e determinam a ordem social torna-se possível prever o futuro da organização social, para Marx e Engels. Esta seria a diferença do socialismo científico para o socialismo utópico. O primeiro, ao contrário do último, faria previsões baseadas nas leis que regem o todo social. O socialismo científico seria reflexo na consciência da solução das contradições existentes na realidade, bem como de suas leis inerentes.

Ora, se as transformações da história da humanidade, quando há classes, ocorrem pela luta de classes, especialmente em períodos de modificações nas forças produtivas, há que se depreender que as transformações do modo de produção capitalista também ocorrem por meio do conflito das classes burguesia e proletariado, muitas vezes motivado por tentativas de obtenção de melhores condições de vida e por mudanças no modo de organizar a produção.

De acordo com Marx e Engels, o capitalismo teria simplificado as classes em apenas duas: a burguesia e o proletariado ou os donos de capital e os não donos³¹. Duas classes com interesses opostos; a burguesia interessada em extrair mais-valia, explorar o trabalhador, pagar os menores salários possíveis e empregá-lo o maior tempo possível para acumular capital, e os trabalhadores interessados em não serem explorados³².

A partir do conflito entre essas duas classes, devido ao desenvolvimento das forças produtivas a um ponto tal que determine a apropriação coletiva do produto e devido à incapacidade da burguesia de prosseguir com a revolução dos meios de produção, como exige o sistema, especialmente em crises, aconteceria uma revolução

³¹ Marx e Engels, 2010, p. 40: “Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado”.

³²Safatle, 2015, p.46, afirma que há uma série de mecanismos psicológicos e afetivos que afetam os trabalhadores, nesse arranjo social, conformando-os à realidade opressora e diminuindo seu poder de mobilização.

que resultaria na tomada do poder político pelo proletariado e também na tomada dos meios de produção, eliminando as classes sociais.

Não haveria mais exploração, nem, portanto, extração de mais-valia, os meios de produção de valor seriam socializados e a produção como um todo, além de apropriada coletivamente, passaria a ser planejada de acordo com as necessidades de todos³³. A anarquia da produção total, a insegurança do desemprego e como decorrência a miséria e a exploração da grande maioria por uma minoria seriam substituídas pelo planejamento da produção e pela garantia de participação justa no produto³⁴.

Em outros termos, os últimos atos do Estado, quando tomado pelo proletariado, seriam socializar os meios de produção e planejar a produção e a distribuição do produto conforme as necessidades sociais e individuais, bem como reprimir os resquícios da burguesia. A apropriação social dar-se-ia como necessidade coletiva e a apropriação individual ocorreria como meio de vida.

O Estado se extinguiria sozinho, conforme os trabalhadores tomassem a organização e apropriação da produção em suas mãos e conforme deixasse de haver a necessidade de sua existência para servir como força coercitiva e repressora, já que não haveria mais motivos para a realização de coerção³⁵.

Em outras palavras, a tomada do poder político e dos meios de produção aconteceria de forma violenta, a partir de uma revolução proletária. Enquanto houvesse ofensivas contrarrevolucionárias da burguesia ainda existente, haveria Estado, operado pelos trabalhadores, a fim de reprimir essa classe até que ela deixe de existir. Uma vez eliminada essa classe social, todas as classes seriam eliminadas, pois os trabalhadores, coletivamente, não podem suprimir sua condição subjugada de vida, sem suprimir a

³³Engels, 1880, p. 64: “Ao apossar-se a sociedade dos meios de produção, cessa a produção de mercadorias e, com ela, o domínio do produto sobre os produtores. A anarquia reinante no seio da produção social cede o lugar a uma organização planejada e consciente”.

³⁴Engels, 1880, p. 61: “O proletariado toma nas suas mãos o poder do Estado e começa por converter os meios de produção em propriedade do Estado. Mas, nesse mesmo ato, destrói-se a si próprio como proletariado, destruindo toda a diferença e todo o antagonismo de classe”.

³⁵Engels, 1880, p. 62: “quando o Estado se converter, finalmente, em representante efetivo de toda a sociedade, tornar-se-á por si mesmo supérfluo”.

causa desse jugo que é a própria exploração, extração do mais-valor, propriedade burguesa.

As primeiras medidas para a implantação do socialismo, após a tomada do poder político e dos meios de produção pelo proletariado, com algumas variações, dependendo do país, constam no *Manifesto Comunista* da seguinte forma:

- 1) Expropriação da propriedade fundiária;
- 2) Imposto fortemente progressivo (que redistribua renda);
- 3) Abolição do direito de herança;
- 4) Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes;
- 5) Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional, com monopólio exclusivo do Estado;
- 6) Centralização de todos os meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado;
- 7) Multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção. Melhoramento das terras cultivadas segundo um plano nacional;
- 8) Unificação de trabalho obrigatório para todos, organização de exércitos industriais, particularmente na agricultura;
- 9) Unificação dos trabalhos agrícolas e industriais, distribuição mais igual da população entre campo e cidade;
- 10) Educação pública e gratuita a todas as crianças³⁶.

Algumas dessas medidas, deixariam de existir conforme o socialismo fosse atingindo uma segunda etapa, em que não mais haveria a burguesia contrarrevolucionária. Entre as medidas que deixariam de existir, aos poucos, estão o confisco da propriedade de emigrados (conforme esse número fosse sendo reduzido) e a aplicação de um imposto fortemente progressivo, já que não mais haveria classes sociais

³⁶Marx e Engels, 2010, p.58.

e, portanto, não existiriam mais disparidades de distribuição de renda a serem corrigidas pelo Estado.

Em seus escritos sobre *A Guerra Civil na França*, Marx faz uma análise da comuna de Paris, iniciada em Março de 1871. Nesse livro, Marx indaga o que é a comuna e responde que ela é a forma sob a qual a classe trabalhadora assume o poder político, destruindo a maquinaria estatal³⁷. De acordo com o autor a maquinaria estatal seria composta de uma burocracia, incluindo o exército, destinada a defender os interesses da classe burguesa, reprimindo os trabalhadores. A comuna, portanto, subverteu essa ordem criando um verdadeiro autogoverno, livrando-se do exército, compondo uma guarda nacional dos operários armados. Além disso, eliminou os burocratas substituindo-os por conselheiros municipais de diferentes vilas, eleitos e revogáveis em curto prazo. O corpo de trabalho foi formado, portanto, pelos operários, tendo papel de executivo e legislativo, ao mesmo tempo. Os juízes foram eleitos e as funções centrais não se sobrepuseram às regionais porque também foram exercidas por agentes comunais revogáveis. Dessa forma, eram os próprios trabalhadores que exerciam as funções normalmente destinadas aos burocratas especialistas do Estado burguês, incluindo as funções de guarda. Esses trabalhadores não corriam o risco de transformarem-se em novos burocratas, porque recebiam os mesmos rendimentos que os demais operários e seriam revogados em curto prazo dando lugar a outros trabalhadores que exerceriam essas funções. Esta seria, portanto, a transição de um Estado burguês a um Estado socialista, deixando de ser Estado, logo que todos os trabalhadores fossem aptos a exercer as funções administrativas necessárias e quando deixasse de existir a necessidade de repressão à burguesia, porque esta pereceria como classe. Em outros termos, o exército de trabalhadores seria extirpado em um momento futuro do socialismo. Lenin também faz uma análise minuciosa da comuna de Paris em seu livro *Estado e Revolução*, concluindo que o modelo da comuna deveria ser adotado para que o Estado burguês fosse destruído, após a revolução proletária³⁸. Nesse livro,

³⁷ Marx, 2011, p. 169: "O que é a Comuna, essa esfinge que atormenta o espírito burguês? Em sua mais simples concepção ela é a forma sob a qual a classe trabalhadora assume o poder político em seus baluartes sociais, Paris e outros centros industriais". (...) A primeira condição para a manutenção do poder político é transformar a maquinaria estatal e destruí-la".

³⁸ Marx e Lenin foram ferrenhos combatentes dos reformistas e anarquistas. Combateram os primeiros por não lutarem pela emancipação dos trabalhadores e os segundos por acreditarem ser possível passar à última fase do comunismo, em que não há Estado, do dia para a noite, em um piscar de olhos. No resumo

Lenin ressalta que o comunismo teria duas etapas, a primeira seria semelhante ao que ocorreu na comuna de Paris, ainda com exército composto pelos trabalhadores para combater as forças contrarrevolucionárias, e a segunda etapa, sem exército, restando apenas as funções administrativas a serem exercidas pelos próprios trabalhadores que receberiam rendimentos iguais a qualquer outro trabalhador e poderiam ser revogados a qualquer momento³⁹.

Em a *Crítica do programa de Gotha* Marx reafirma sua posição de que só a partir de uma revolução proletária é possível tomar o poder político, tomar os meios de produção e passar a efetuar uma distribuição justa do produto. Segundo Marx, o resultado da produção seria distribuído da seguinte maneira: do produto social total seriam deduzidos os recursos para a substituição dos meios de produção, para a ampliação da produção, um fundo de reserva de segurança contra acidentes, um fundo para prejuízos causados, por exemplo, por fenômenos naturais, custos gerais de administração que não entram diretamente na produção, custos de satisfação de certas necessidades coletivas como escolas e serviços de saúde, um fundo para os incapacitados ao trabalho e o restante seria distribuído para o consumo individual⁴⁰.

O autor afirma explicitamente, nesse mesmo livro, que a sociedade socialista nascente, recém surgida das ruínas da sociedade capitalista, possuirá marcas econômicas, morais e espirituais herdadas da velha sociedade⁴¹, por isso cada

crítico de Marx ao texto *Estatismo e Anarquia* de Bakunin, Marx rebate o argumento de Bakunin de que seria possível abolir o Estado logo após à revolução, pois: "como o proletariado, durante o período de luta para derrubar a antiga sociedade, ainda age com base na antiga sociedade e, por conseguinte, continua a se mover entre formas políticas que mais ou menos pertenciam àquela sociedade, ele não encontra, durante esse período, sua constituição definitiva e emprega meios para sua libertação que, depois dessa libertação, deixam de existir (...)" (Marx, 2012, p.116).

³⁹Lenin, 1979, p.109: "Porque cuando todos hayan aprendido a dirigir y dirijan en realidad por su cuenta la producción social; cuando hayan aprendido a efectuar la contabilidad (...) la necesidad de observar las reglas fundamentales, nada complicadas, de toda convivencia humana se convertirá muy pronto en una costumbre.

Y entonces se abrirán de par en par las puertas para pasar de la primera fase de la sociedad comunista a sua fase superior y, a la vez, a la extinción completa del Estado".

⁴⁰ Marx, 2012, p.28-29.

⁴¹ Marx, 2012, p. 29: "Nosso objetivo aqui é uma sociedade comunista, não como ela se desenvolveu a partir de suas próprias bases, mas ao contrário, como ela acaba de sair da sociedade capitalista, portanto trazendo de nascença marcas econômicas, morais, espirituais herdadas da velha sociedade de cujo ventre ela saiu".

trabalhador receberia a mesma quantidade de produtos de trabalho que contribuiu para produção, depois de feitas todas as deduções acima mencionadas do produto social total. Ocorreria ainda, na primeira etapa do socialismo, uma espécie de trocas de equivalentes, cada um retira dos estoques uma quantidade equivalente ao seu trabalho, feitas as deduções aludidas. O padrão de medida seria ainda o trabalho. Contudo, conforme a sociedade fosse aprofundando o significado de socialismo, passaria a considerar as desigualdades de trabalho (entre os que têm uma maior capacidade de trabalho e os que têm uma menor capacidade) e as desigualdades de necessidades (por exemplo, aqueles que possuem uma família têm mais necessidades dos que os que não possuem). Quando tiver sido eliminada a "subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho" (Marx, 2012, p. 31) e com ela a oposição entre trabalho manual e intelectual, quando as forças produtivas tiverem crescido e todas as fontes de riqueza forem fartas e apropriadas coletivamente, então será possível levantar a seguinte bandeira: "De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades" (Marx, 2012, p. 31-32).

Com o comunismo implantado, eliminando-se as injustiças sociais, inclusive de distribuição do produto, retirando o homem do jugo da divisão do trabalho que o aliena, da opressão burguesa que o torna coisa, modificando a forma de produção, apropriação do produto e de condução do afazeres comunitários, poder-se-ia cogitar a construção de subjetividades que se desenvolveriam em múltiplos aspectos, conforme mencionado por Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, 2007, p.37:

" ao passo que, na sociedade comunista, onde cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode aperfeiçoar-se em todos os ramos que lhe agradam, a sociedade regula a produção geral e me confere, assim, a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar à tarde, à noite dedicar-me à criação de gado, criticar após o jantar, exatamente de acordo com a minha vontade, sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico".

Ou seja, a sociedade comunista, para além de libertar os indivíduos dos inúmeros grilhões da sociedade burguesa, ainda dará condições dos seres humanos comporem suas subjetividades em múltiplos sentidos.

A aproximação da economia solidária com o socialismo proposto por Marx e Engels se daria principalmente com a mudança da propriedade das mãos dos capitalistas

para os trabalhadores, quanto mais os trabalhadores forem donos dos meios de produção, maior seria a aproximação ao socialismo proposto por Marx e Engels, pois a exploração ou extração de mais-valia deixaria de existir. Apesar de ser possível verificar a aproximação dessas duas propostas, pode-se dizer que não são exatamente as mesmas visto que a economia solidária não propõe o fim do mercado e do Estado, apesar de propor o fim do assalariamento e, portanto, o fim da exploração.

Marx e Engels erraram em ao menos um ponto, qual seja: acreditar que já no século XIX seria possível que a revolução proletária triunfasse, implantando o socialismo. Como é de conhecimento geral, o capitalismo, até os dias atuais, dá sinais de crescimento⁴² e evolução de progresso técnico, portanto, sua capacidade de revolução dos meios de produção não estava esgotada naquele momento.

Entretanto, sabe-se que houve uma experiência de implantação do socialismo por intermédio da revolução bolchevique ocorrida na Rússia em 1917. Por meio dessa revolução implantou-se o denominado socialismo real, em que os meios de produção passaram a ser socializados e organizados pelo Estado. As relações de mercado ainda incipientes na Rússia deram lugar ao planejamento estatal da produção e da distribuição do produto total. As classes sociais e a opressão teriam sido supostamente abolidas⁴³. Inúmeros outros países do leste europeu, como Polônia, Hungria, ex- Checoslováquia e ex-Iugoslávia, estiveram sob a zona de influência da antiga União Soviética (URSS), experimentando o socialismo real.

Essa experiência, contudo, não foi bem sucedida. Muitos elementos são apontados como causas do fracasso da experiência do socialismo real; entre os principais estão sua incapacidade de revolucionar os meios de produção na mesma

⁴²Apesar da crise econômica iniciada em 2008, países capitalistas como os Estados Unidos e diversos outros voltaram a apresentar sinais de crescimento.

⁴³ Goldman, 2014, p. 16. Prólogo de Diana Assunção: "Todo o percurso apresentado por Goldman em *Mulher, Estado e revolução* mostra que o destino de uma revolução e a luta por irromper contra a opressão milenar às mulheres e contra o núcleo familiar como base da sociedade capitalista são parte de uma e mesma estratégia. Ao mesmo tempo, a pesquisadora norte-americana tenta responder um questionamento fundamental a partir dos retrocessos na situação feminina, sobre como o Estado operário se distanciou das ideias originais da Revolução, voltando a reproduzir velhos padrões sociais. Aqui é fundamental remarcar o que significou a burocratização stalinista no Estado operário, que particularmente no que diz respeito à libertação das mulheres foi um retrocesso em toda a linha com Stalin defendendo a 'volta à família e ao lar'".

velocidade e intensidade que ocorria no mundo capitalista^{44 45}, incapacidade de inovar em bens de consumo da forma como era feita pelos países capitalistas e não exclusão das classes sociais⁴⁶ por intermédio da geração de uma nova classe dominante denominada classe dos burocratas detentores de privilégios e de maior participação no produto produzido coletivamente.

Inúmeros estudiosos argumentam que o socialismo real experimentado nos países do leste europeu e em especial na ex-URSS não correspondeu ao socialismo previsto por Marx e Engels, pois não conseguiu abolir os privilégios de classes⁴⁷ e constituir-se em força motriz da constante revolução dos meios de produção.

Este trabalho reconhece o fracasso, especialmente político e tecnológico, gerado pela impossibilidade da planificação estatal manter os meios de produção em constante revolução quando comparado aos países centrais do capitalismo e reconhece também

⁴⁴ Fernandes, 1991, p.262: “Na verdade, a problemática da produtividade é crucial para entender a crise do socialismo como o colapso da hegemonia soviética”. P. 263-264: No entanto, nos desenvolvimentos posteriores à guerra na URSS (quando ela concluiu, no fundamental, a industrialização da sua economia, e entrou numa nova fase onde a elevação da produtividade do trabalho nas unidades já montadas passou a ser o desafio central) o “padrão soviético” perdeu a dianteira na corrida com as potências capitalistas. Enquanto a produção industrial da URSS era 10,1 vezes maior em 1987 do que em 1950, a do Japão era de 21,1 vezes maior (...). Do ponto de vista do crescimento da produtividade do trabalho social de 1950 a 1987, a União Soviética, com uma elevação de 359%, ficou atrás não só do Japão (968%), como também da Itália (452%) e da Alemanha (388%). Continuou na frente dos Estados Unidos (210%) e da Grã-Bretanha (272%) (...) a queda mais acentuada se dá a partir de meados dos anos 70 (e se materializou, sobretudo, na incapacidade de abastecer a sociedade de bens de consumo duráveis em quantidade e de qualidade).”

⁴⁵Fernandes, 1991, p. 264-265: “Como vimos ao longo do livro, a liderança da maioria dos países do Leste (incluindo a URSS) foi progressivamente se afastando da busca de soluções socialistas para este “dilema da produtividade”, recorrendo crescentemente à obtenção de financiamentos, investimentos e tecnologia nos países capitalistas centrais”.

⁴⁶Palmeira, 1991, p.55: “Uma das características da tecno-burocracia, ou de seu ascenso, foi uma política cada vez mais de defesa da pátria do socialismo e cada vez menos de revolução internacional. Se o isolamento da URSS contribuía para o reforço da tecno-burocracia, a tecno-burocracia contribuía para o isolamento da URSS do ponto de vista revolucionário”.

⁴⁷Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: Traditional socialism – as in the USSR - emphasized public instead of private ownership of means of production and government economic planning instead of markets. But that concentrated too much power in the government and thereby corrupted the socialist project. Tradução livre: “O socialismo tradicional – como na URSS – enfatizou a propriedade pública ao invés da propriedade privada dos meios de produção e o planejamento econômico do governo ao invés dos mercados. Mas isso concentrou muito poder no governo e, assim, corrompeu o projeto socialista”.

que nos países onde houve socialismo real não ocorreu o fim da divisão da sociedade em classes.

Pensando uma possível proposta socialista para o século XXI

Tendo em vista a teoria de Marx e Engels a respeito do socialismo científico como reflexo na consciência da luta de classes existentes⁴⁸, como necessária evolução e solução da luta de classes entre burguesia e proletariado, indaga-se: 1) teria tornado-se obsoleto propor o socialismo como solução desse conflito? 2) reconhecendo-se a teoria do valor de Marx, assumindo que o valor das mercadorias é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las e considerando que quem as produzem são os não donos dos meios de produção (ou despossuídos, proletários), como propor um tipo de socialismo que contemple essa teoria e ao mesmo tempo supere as falhas verificadas no socialismo real? 3) como apoiar o socialismo proposto por Marx e Engels sem cair no erro denominado socialismo utópico já verificado por esses autores no século XIX?

Usando como apoio para interpretação da realidade o materialismo histórico, pode-se depreender que para que não se incorra no erro de ser utópico, poder-se-ia dizer que se torna necessário, antes de qualquer proposta socialista, a análise da realidade, para que se verifique quais são suas leis, suas contradições e possibilidades de transformação do futuro social.

A partir da análise da realidade, verifica-se que a sociedade continua apresentando duas classes antagônicas denominadas classe dos detentores de capital e classe dos não detentores de capital, daqueles que não possuem nada além de sua força de trabalho para vender no mercado de trabalho. As camadas intermédias tendem a ser reacionárias, não desejam a revolução, mas aspiram a “girar a roda da história para

⁴⁸Engels, 1880, p. 50: “e esse conflito entre as forças produtivas e o modo de produção não é precisamente nascido na cabeça do homem – algo assim como o conflito entre o pecado original do homem e a justiça divina – mas tem as suas raízes nos fatos, na realidade objetiva, fora de nós, independentemente da vontade ou da atividade dos próprios homens que o provocaram. O socialismo moderno não é mais que o reflexo deste conflito na consciência”.

trás”, pois querem continuar mantendo sua posição que, entretanto, sempre está em risco, conforme constatado por Marx e Engels⁴⁹.

A sociedade atual é bastante diferente da sociedade do século XIX analisada por Marx e Engels, em inúmeros aspectos, quais sejam: no que diz respeito à capacidade produtiva, no que se refere ao desenvolvimento da ciência, no que tange à financeirização do capital e autonomização da forma dinheiro, no que concerne a certas conquistas trabalhistas como jornada de trabalho de 8 e 6 horas em muitos países, salário mínimo, sufrágio universal, proibição do trabalho infantil, entre outros elementos. Contudo, por continuar apresentando os traços centrais do século XIX, como a divisão da sociedade em classes (entre despossuídos e possuidores de capital), extração de mais-valia, apropriação privada do produto embora sua produção seja coletiva, degradação moral, democracia limitada, desemprego, miséria, excluídos de qualquer participação na produção, continua apresentando os antagonismos de classes presentes no século XIX. Dessa forma, assumindo as leis de movimento da história explicadas por Marx e Engels como o fato de que as sociedades movem-se pela luta de classes e que ainda hoje a base do crescimento do capital é a extração de mais-valia, a exploração dos trabalhadores, torna-se coerente cogitar que essas classes, por possuírem interesses antagônicos continuam em luta, ainda que muitas vezes velada.

Contudo, devido ao insucesso dos países que figuravam o chamado socialismo real, com o fracasso do socialismo baseado no planejamento estatal *versus* a economia de mercado e com a perduração de pequenas parcelas da produção organizadas em forma de economia solidária, autores reconhecidamente marxianos (como Paul Singer e Richard Wolff) têm cogitado a democratização dos ambientes de trabalho ao invés da ditadura do proletariado, como saída para o capitalismo.

Assumindo que as leis de compreensão dessa sociedade elaboradas por Marx e Engels são ainda válidas, e, portanto, assumindo que o produto produzido por essa

⁴⁹ Marx e Engels, 1848: “As camadas médias –pequenos comerciantes, pequenos fabricantes, artesãos, camponeses – combatem a burguesia porque esta compromete sua existência como camadas médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, são reacionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando se tornam revolucionárias, isto se dá em consequência de sua iminente passagem para o proletariado”.

sociedade é apropriado injustamente, entende-se a importância e a relevância da compreensão das alternativas propostas e implantadas na realidade atual.

Experiências de organização da economia de forma solidária em que a tomada de decisões ocorre por meio do voto de todos que estão nela associados surgiram no início do século XIX, por iniciativa do socialista Robert Owen. Tal socialista criou associações comunitárias de produção, uma aldeia cooperativa nos Estados Unidos denominada New Harmony, onde viveram pessoas trabalhando na terra e em indústria produzindo sua subsistência e trocando entre si seu excedente. Marx e Engels denominaram tal experiência de utópica e ela de fato fracassou.

Contudo, enquanto permanecia nos EUA seus discípulos começaram a implantar cooperativas por toda parte, movimento esse que coincidiu com a expansão do sindicalismo, no Reino Unido. Em 1827 surgiu a Brighthon Co-operative Trading Association (Associação Cooperativa de Troca de Brighton). “Diversas cooperativas descendentes desta primeira se desenvolveram em Brighton, Worthington, Findon, Turnbridge Wells, Canterbury e Gravesend” (Singer, 2002, p. 28).

A Brighthon Association iniciou, em 1828, a publicação de um jornal denominado The Co-operator dedicado à exposição dos princípios cooperativos. Em 1830, o jornal havia registrado trezentas cooperativas. O cooperativismo tornou-se ligado ao movimento sindical: “No meio da ascensão do cooperativismo, o owenismo foi assumido pelo crescente movimento sindical e cooperativo da classe trabalhadora” (Singer, 2002, p. 28). Em setores que podiam ser operados sem muitas máquinas grevistas assumiam a produção em cooperativas, em vez de não trabalharem, para competirem com seus patrões, tentavam substituí-los no mercado, para eliminar o assalariamento e criarem a autogestão.

De acordo com Paul Singer (2002, p. 35): “esta é a origem histórica da economia solidária. Seria justo chamar esta fase inicial de sua história de cooperativismo revolucionário, o qual jamais se repetiu de forma tão nítida. Ela tornou evidente a ligação essencial da economia solidária com a crítica operária socialista do capitalismo”

As características essenciais atuais de cooperativas organizadas de forma solidária dizem respeito ao fato de que a propriedade da cooperativa é de todos ou quase

todos que nela trabalham, as decisões são tomadas democraticamente por todos os sócios, o que significa que cada cooperado tem direito a um voto nas decisões tomadas em assembleia, e as retiradas, embora muitas vezes não sejam feitas de forma totalmente igual, devido a decisões dos próprios sócios, são feitas de forma muito mais equitativa do que nas empresas capitalistas. Quando as cooperativas estão organizadas em um complexo solidário, as perdas e os ganhos das cooperativas são redistribuídos entre todas as cooperativas do complexo. Os trabalhadores das cooperativas que entram em falência são realocados em outras cooperativas prósperas do mesmo complexo.

Assim funciona Mondragón, atualmente o maior complexo cooperativo organizado em bases solidárias, situado na região basca da Espanha. Criado em 1954 pelo padre Arizmendi, é a maior rede de cooperativas com experiência de autogestão existente.

A experiência de autogestão e de organização da economia em bases solidárias têm inspirado inúmeros estudiosos a propor a expansão de tal empreendimento.

Reconhecidos estudiosos como o professor Richard Wolff da Universidade da Massachusetts e o professor Paul Israel Singer da Universidade de São Paulo têm assinalado a importância de analisar o caso de Mondragón e a partir dessa análise postular a expansão da democracia nos ambientes de trabalho, como forma efetiva de tomada de consciência dos trabalhadores em seus locais de trabalho e como maneira mais equitativa de apropriação do produto, de combate à miséria e à insegurança imposta pelo capitalismo aos trabalhadores. A economia solidária é um modo de democratização dos ambientes de trabalho, essa experiência democrática pode aproximar-se do socialismo se os trabalhadores detiverem a propriedade do negócio, ou seja: se não houver extração de mais-valia.

De acordo com Wolff os benefícios do fortalecimento da democracia em todos ambientes, incluindo nos ambientes de trabalho, seriam inúmeros, dentre eles mencionam-se: a tomada de consciência dos trabalhadores sobre tudo o que a empresa produz, participação em todas as decisões da empresa que integram, possibilidade de redução da jornada de trabalho e maior dispêndio de tempo em atividades de lazer e culturais, possibilidade de discussão de todos os trabalhadores de todas as empresas autogeridas sobre o que produzir, o quanto produzir e como produzir, participação mais

equitativa no produto gerado⁵⁰ (Wolff informa que nas empresas autogeridas as diferenças dos salários dos mais qualificados para os menos qualificados é de 5 para 1, enquanto nas empresas capitalistas essa diferença é de 475 para 1). Além desses benefícios trazidos pelas empresas autogeridas, a democracia política também seria fortalecida⁵¹, visto que passaria a atender aos interesses de uma maioria e não apenas aos interesses de uma minoria que controla as empresas atualmente. Recursos do governo, portanto, não mais seriam utilizados para socializar as perdas capitalistas em suas constantes crises, beneficiando uma pequeníssima parcela da população. Ao contrário, esses recursos de fato passariam a atender aos interesses da maioria, visto que poderiam ser utilizados para iniciar empresas autogeridas para aqueles que não possuem empregos, por exemplo.

Segundo Wolff, 13,7 milhões de americanos trabalham em 11.400 cooperativas (ESOPs⁵²) em que detêm parte ou o total da companhia⁵³. Número esse que mostra que a implementação da democracia nos ambientes de trabalho é uma realidade.

⁵⁰Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: “herever production occurs, the workers must become collectively their own bosses, their own board of directors. Everyone’s job description would change: in addition to your specific task, you would be required to participate fully in designing and running the enterprise. Decisions once made by private corporate boards of directors or state officials - what, how and where to produce and how to use the revenues received – would instead be made collectively and democratically by the workers themselves. Education would be redesigned to train all persons in the leadership and control functions now reserved for elites. Tradução livre: “onde quer que ocorra a produção, os trabalhadores devem tornar-se, coletivamente, seus próprios chefes, seus próprios conselhos de diretores. A descrição do emprego de cada um seria modificada: em adição à sua tarefa específica, você seria requerido a participar plenamente em planejar e dirigir a empresa. Decisões uma vez tomadas pelos conselhos privados de diretores ou por oficiais do estado –o que, como e onde produzir e como utilizar as receitas recebidas –seriam, ao invés, tomadas coletivamente e democraticamente pelos próprios trabalhadores. A educação seria redesenhada para treinar todas as pessoas em liderança e funções de controle agora reservadas para as elites”.

⁵¹Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: “Economic and political democracy need and would reinforce one another. Self-directed workers and self-directed community residents must democratically share decision-making at both locations. Local, regional and national state institutions will henceforth incorporate shared democratic decision-making between workplace and residence based communities. Tradução livre: “A democracia econômica e política reforçariam uma à outra. Trabalhadores e residentes da comunidade dirigidos por si devem, democraticamente, dividir a tomada de decisões em ambas as localidades. Instituições estatais, locais, regionais e nacionais incorporarão, portanto, as decisões tomadas democraticamente compartilhadas entre os ambientes de trabalho e as comunidades residentes”.

⁵²Employee Stock Ownership Plan companies.

Tendo em vista a descrição de Marx e Engels do capitalismo e a importância do emprego do método materialista histórico como forma de entender a ordem social vigente tem-se que o capitalismo representa uma forma injusta de organização e apropriação do produto que sobrevive da exploração de trabalhadores, da extração de mais-valia. Tal modo de produção ao mesmo tempo em que cria inúmeras riquezas para poucos, gera desigualdades extremas, exploração, guerras, alta hierarquia nas empresas, miséria, competição, avareza, ganância, insegurança e mais uma série de realidades morais, políticas e econômicas que colocam em risco o bem-estar humano.

Compreendendo que as sociedades estratificadas movem-se pela luta de classes e que o socialismo seria um possível resultado da solução desse conflito, pretende-se verificar se a economia solidária ou implantação da democracia nos ambientes de trabalho pode representar uma maneira de superar esse impasse e, finalmente, fazer valer os interesses da maioria. Pretende-se verificar quais os impactos, éticos, psíquicos, políticos e econômicos gerados nos participantes dessas experiências, para averiguar se de fato é possível efetuar uma aproximação com o socialismo, especialmente quando este é entendido como exclusão da exploração. Caso todos os empregados passarem a possuir a posse dos meios de produção, então não haveria mais burguesia, extração de mais-valia e portanto, capitalismo. Isso não é uma realidade, mas poderia vir a ser.

A consolidação dessa experiência como uma experiência socialista que de fato se torne majoritária depende do quão mais produtiva em relação a empresas capitalistas ela será⁵⁴. Para ser mais produtiva, essa experiência precisa, como um dos requisitos, gerar mais bem estar que as empresas capitalistas, no próprio trabalho.

Pensando nos ensinamentos de Marx e Engels sobre as mudanças do modo de produção: elas geralmente ocorrem quando há a necessidade, ou seja, quando as forças

⁵³Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: “Today, an estimated 13.7 million Americans work in 11,400 Employee Stock Ownership Plan companies (ESOPs), in which employees own part or all of those companies. So-called “not-for-profit” enterprises abound across the US in many different fields”. Tradução livre: “Hoje, uma estimativa de 13,7 milhões de americanos trabalham em 11.400 empresas de capital dos trabalhadores (ESOPs), nas quais empregados possuem parte ou o todo das companhias. As tão chamada empresas “não-pelo-lucro” abundam pelos Estados Unidos em muitos campos diferentes”.

⁵⁴ As empresas autogeridas precisam se mostrar mais produtivas, pois se isso não ocorrer tendem a ser superadas pelas empresas capitalistas.

produtivas desenvolvem-se a um ponto tal que se torna absolutamente necessário que as relações de produção mudem. Além disso, a luta de classes também é um fator que leva a mudanças sociais. Tomando essa questão da necessidade, podemos pensar que o modo de produção capitalista será um entrave para a produção quando impedir que revoluções tecnológicas ocorram. Ora, vemos que esse modo de produção não cresce em crises e gera patentes e inúmeros outros elementos que impedem o desenvolvimento tecnológico de muitos países. Talvez a produção organizada em bases solidárias e o compartilhamento e a produção livre de conhecimento e tecnologia possam em algum momento mostrarem-se mais produtivos que o capitalismo e fazerem com que o livre desenvolvimento de todos e não mais acumulação de capital e a exploração capitalista seja uma condição necessária do crescimento tecnológico da sociedade. Isso parece ser possível apenas em experiências democráticas, fazendo com que a economia solidária, ainda que seja uma experiência minoritária, tenha muito a ensinar.

Embora, seja difícil vislumbrar um futuro concretamente socialista, em que não mais haja extração de mais-valia dos trabalhadores e, portanto, exploração, em que a apropriação do produto seja coletiva visto que sua produção também o é, em que as pessoas não precisem ser coagidas a trabalhar, mas que possam trabalhar com prazer, criatividade e participação democrática em seus ambientes, pode-se dizer que como todos os modos de produção o capitalismo chegará ao fim, em algum momento, e espera-se que a mudança ocorra para o aumento da solidariedade, da democracia, da autonomia, respeito, igualdade de renda, criatividade e prazer na vida das pessoas.

Desta possibilidade de mudança do modo de produção decorre a importância do estudo de experiências relacionadas à produção organizada de forma democrática. Por experiências democráticas, refiro-me desde o acesso aos meios de produção e ao resultado da produção, até decisões que sejam tomadas de forma coletiva e que fomentem valores morais como coletivismo, solidariedade e democracia. Algumas experiências de economia solidária parecem produzir um arranjo social próximo do socialismo proposto por Marx e Engels⁵⁵, bem como parecem gerar valores desejáveis como solidariedade, autonomia e respeito.

⁵⁵ Conforme mencionado anteriormente, a economia solidária não propõe o fim do Estado e do mercado, como Marx e Engels o fazem. Contudo, essa proposta poderia ser aproximada da proposta socialista destes autores, caso haja a exclusão da exploração.

Entendendo a importância e a realidade da proposta relacionada à construção da democracia nos ambientes de trabalho, pode-se dizer que esse projeto visa a verificar qual o impacto que a instauração desse tema gera em termos de emancipação ética, do sofrimento no trabalho, política e econômica dos indivíduos participantes de tal prática e sua possível aproximação à proposta socialista de Marx e Engels, quando esta é entendida, principalmente, como exclusão da exploração. Espera-se que os benefícios éticos, psíquicos, políticos e econômicos estejam ligados ao estímulo de valores como a democracia, solidariedade, saúde mental, segurança e garantia de renda presentes nas experiências de autogestão de empresas. A pesquisa será efetuada, por meio do estudo teórico de obras de Marx e Engels para compreensão do socialismo científico e do estudo dos casos de Mondragón e Flaskô, por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema e por intermédio de análise de dados disponibilizados.

Os maiores desafios que existiriam seriam conseguir os dados sobre a questão da emancipação ética, do sofrimento no trabalho, política e econômica dos indivíduos que trabalham em Mondragón, contudo, tal dificuldade não parece existir, visto que muitos desses dados estão disponíveis no próprio site do complexo cooperativo de Mondragón (<http://www.mondragon-corporation.com/eng/>) e podem ser conseguidos através de questionários enviados ao e-mail: info@mondragoncorporation.com. Além disso, dados sobre Mondragón podem ser encontrados em textos como o famoso *Making Mondragon* de William Foote White e Kathleen King White. Caso haja necessidade, torna-se possível efetuar uma viagem à Espanha para coletar os dados faltantes. Dados sobre a Flaskô podem ser conseguidos com entrevistas a trabalhadores da fábrica de São Paulo. Outro importante desafio do projeto é estabelecer uma relação entre essas experiências de economia solidária com a proposta de socialismo científico posta por Marx e Engels. Entendendo que a proposta de Marx e Engels levaria ao fim do assalariamento e, portanto, tornaria os trabalhadores seus próprios chefes, pretende-se verificar se a economia solidária, a partir da análise desses casos, realmente, pode ser aproximada da proposta socialista desses autores, especialmente no que concerne à exclusão da figura do capitalista, dono dos meios de produção e explorador da mão-de-obra.

Sabe-se, de antemão, que a proposta socialistas de Marx e Engels não pode ser totalmente identificada com a proposta de economia solidária, dado que Marx e Engels

pensam o comunismo com o fim do Estado e do mercado. Entretanto, tais propostas podem ser aproximadas, caso as empresas autogeridas excluam a exploração.

g) Resultados esperados:

A partir da análise do caso Mondragón e Flaskô, escolhidos por serem relevantes experiências de economia solidária existentes atualmente, espera-se que a prática da democracia nos ambientes de trabalho produza resultados significativos em termos de valores éticos, políticos e econômicos contrários aos valores dominantes como, por exemplo: solidariedade, segurança no emprego, conquista de autonomia de pensamento sobre os processos de produção, maior participação nas tomadas de decisões e autonomia econômica (maior participação no produto) por parte dos trabalhadores, podendo, em alguns sentidos, aproximar-se da proposta socialista de Marx e Engels. Contudo, caso os dados revelem o contrário, a partir da análise bibliográfica e de informações disponíveis, este projeto visa a mostrar tal realidade.

h) Cronograma de trabalho:

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO EM 2017					
Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto
Pesquisa bibliográfica sobre escritos de Marx e Engels. Pesquisa bibliográfica e de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels e outros autores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels e comentadores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels e comentadores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels e outros autores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.
Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
Leitura sobre escritos de Marx e Engels e outros autores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels e outros autores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Leitura sobre escritos de Marx e Engels e outros autores. Leitura de bibliografia e análise de dados sobre Mondragón e Flaskô.	Elaboração de conclusão sobre o tema socialismo de Marx e Engels e sobre a democracia nos ambientes de trabalho à luz de toda a bibliografia e dados coletados.	Elaboração de conclusão sobre o tema socialismo de Marx e Engels e sobre a democracia nos ambientes de trabalho à luz de toda a bibliografia e dados coletados.	Elaboração de conclusão sobre o tema socialismo de Marx e Engels e sobre a democracia nos ambientes de trabalho à luz de toda a bibliografia e dados coletados.

i) Referências bibliográficas:

BALIBAR E. The Philosophy of Marx. Londres: Verso, 1995.

BENELLO G. From the ground up: essays on grassroots & workplace democracy. Boston: South end press, 1992.

COLE, G.D.H. A century of co-operation. Manchester Co-operative Union Ltd., 1944.

ECKHARDT W. The first socialist Schims. Oakland: PM Press, 2016.

ENGELS F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. Do Socialismo utópico ao socialismo científico (1880). São Paulo: Editora Moraes, s/d.

FERNANDES L. URSS Ascensão e queda. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1991.

FAUSTO R. Sentido da dialética. Marx: lógica e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GOLDMAN W. Mulher, estado e revolução. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

GRENNBERG E. Workplace Democracy: The Political Effects of Participation. New York: Cornell University Press, 1988.

HARVEY D. A companion to Marx's Capital. Londres: Verso, 2010

_____. The enigma of the capital and the crises of capitalism. Londres: profile books, 2010.

KRIMERMAN L. e LINDENFELD F. When Workers Decide: Workplace Democracy Takes Root in America. Philadelphia: New Society Pub, 1990.

LABRIOLA A. Em memória do Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010

LASKI, H. J. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

LEFEBVRE, H. Para Compreender o Pensamento de Karl Marx. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LENIN V.I. El Estado y la revolución. Moscou: Editorial Progreso, 1979.

LINDENFELD F. Workplace democracy and social change (extended horizon books). Boston: Porter Sargent Publishers, 1982.

LUKÁCS G. História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. Ontologia do Ser Social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979

MARX K. e ENGELS F. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. A sagrada família. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX K. O capital. São Paulo Boitempo Editorial, 2013.

_____. Carta de Marx a P. V. Annenkov (1846), em miséria da filosofia. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Crítica do programa de Gotha. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

_____. A guerra civil na França. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. As lutas de classes na França. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

_____. Lutas de classes na Rússia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013b.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria de Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Para a crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. Resumo crítico de Estatismo e Anarquia de Mikhail Bakunin (1874), em crítica do programa de Gotha. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MELMAN S. After capitalism: from managerialism to workplace democracy. New York, Alfred A. Knopf, 2001.

MÉSZÁROS I. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MILL. J. S. Capítulos sobre o socialismo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MONDRAGÓN website: <http://www.mondragon-corporation.com/eng/>.

OUVRAGE COLLECTIF. De l'autogestion théories et pratiques. Paris: Éditions CNT-RP, 2013.

OWEN R. The book of the new moral world containing the rational system of society. Glasgow: H. Robinson & C.O.7, Brunswick Place, T. Finlay, 1811.

PALMEIRA V. União Soviética: Há Socialismo nisso? Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

ROTHSCHILD J. e WHITT J. A. The Cooperative Workplace: Potentials and Dilemmas of Organizational Democracy and Participation. Cambridge: Cambridge University press, 1986.

SINGER P. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002 .

_____. Uma Utopia Militante. Repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: Boaventura de Sousa Santos (org.) Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SAFATLE, V. P. O trabalho do impróprio e as afetos da flexibilização: uma recuperação da atualidade crítica do conceito de trabalho em Marx. Porto Alegre: Veritas, v. 60, p. 12-49, 2015.

SCHWARTZ G. Conhecimento e reinvenção digital da cidadania? Emancipação social e trabalho criativo na cidade do conhecimento? Revista Cultura e Extensão, USP, v. 14, p. 25-39, 2016.

WHITE F. W. e WHITE K.K. Making Mondragón. New York: ILR Press, 1988.

WOLFF R. A Manifesto for economic democracy and ecological sanity. Disponível em: <http://rdwolff.com/content/manifesto>.

_____. Democracy at work: A cure for capitalism. Illinois: Haymarket Books, 2012.

ZWERDLING D. Workplace democracy: A guide to workplace ownership, participation & self-management experiments in the United States & Europe. New York: Harper Colophon books 1980.